

SEMEADURA DE LIVROS

Danusia Aparecida SILVA
Professora UNIPLAC/Lages

RESUMO: Imaginar que se conquista o desenvolvimento sem preparar nossos jovens em todas as áreas do conhecimento, sem o alicerce sólido da leitura, é a maior omissão histórica. Não bastam tecnologia de ponta, programas de qualidade e produtividade, nem habilidade no manuseio dos mais sofisticados canais da era da informação. A ausência da formação intelectual ou o estado jejuno de leitura que o acadêmico apresenta ao chegar ao ensino superior merece uma atenção redobrada da escola, ou seja, de todos nós. Ler é cumulativo e avança em progressão geométrica e cada leitura baseia-se no que o leitor leu antes, e a teia de raciocínios vai se expandindo, tomando ares de poder. A leitura conclama ao diálogo, amplia o vocabulário, instiga sentidos novos, aproxima as pessoas, constrói afetos, edifica valores humanos. A obra literária apresenta-se como uma tarefa a cumprir, e ao leitor cabe a responsabilidade de difundir-la, realizar outros desvendamentos, outras recepções. Assim a semeadura de cada livro lido é conquista de novos territórios, é atendimento a novas demandas. A experiência na leitura, no contato amigável com a obra literária, produz sempre mais conhecimento sobre a própria leitura que só pela prática se amplia. Pela sua riqueza e versatilidade a leitura, especialmente a literária, é plurifuncional: de divertimento ou evasão, didática ou cognitiva, de salvação ou estética.

Uma palavra sempre baliza um ponto de partida. Semeadura é o ato de semear, de deitar sementes, neste caso específico semear livros para que germinem, produzam.

Semeai livros a mancheias. / E manda o povo pensar! Clamava o poeta dos escravos, Castro Alves, apontando a leitura como o ápice da cidadania. Ler é praticar cidadania, pois quem não lê não pensa, e quem não pensa será sempre um servo. Tal aforismo ilustra a história de Frederick Douglas nascido escravo em Maryland (1817 – 1985). Quando criança, sua dona lhe ensinou o ABC. Mal havia assimilado algumas palavras simples, quando seu dono deu-se conta do que estava acontecendo. Furioso proibiu que a esposa continuasse a ensinar o escravo, pois ensinar a um escravo era ao mesmo tempo ilegal e perigoso. Ele se tornaria intratável e inútil para seu senhor.

Douglas entendeu, porém não capitulou. Superou obstáculos, aprendeu a ler e fez da leitura o atalho para chegar à liberdade. Além de abolicionista tornou-se um dos oradores mais eloquentes da América. Também George Dawson, descendente de escravos do Texas, aprendeu a ler aos 98 anos de idade e aos 102 publicou seu primeiro livro. Escreveu, sem ter qualquer bagagem literária, a história mais complexa que existe, a de uma vida humana. (COLASANTI, 1994).

Saber ler sempre caracterizou perigo aos detentores do poder. No Brasil, os jesuítas na catequese dos índios lhes ensinavam artes manuais, pintura, música, fabricação de instrumentos musicais, coisas todas muito sofisticadas; mas não os ensinavam a ler, pois este saber poderia acarretar risco de subversão. No âmbito religioso esse não foi um ato isolado. A Igreja Católica por meio de um *Index Librorum Prohibitorum* – Índice de Livros Proibidos – vedava a leitura de textos que de uma forma ou outra contrariavam os ditames de sua pregação. Também no livro e filme homônimo “O nome da Rosa”, Humberto Eco evidencia o controle da Igreja.

Igual procedimento foi adotado pelas ditaduras ao longo da história. No livro “Cartas a um jovem escritor”, Mário Vargas Llosa conta que a Inquisição espanhola tinha tal desconfiança em relação às histórias, que chegou ao extremo de proibir, durante trezentos anos, a leitura de romances em todas as colônias americanas. “[...] o poder não se arroga apenas o direito de controlar as ações dos homens – o que fazem e o que dizem: aspira também a governar

sua fantasia, seus sonhos e, evidentemente, sua memória” (MARIA, 2009, p. 37).

Ler um livro por dia... quem dera!... Privilégio de raras pessoas como o bibliófilo José Mindlin que atribui sua paixão pela leitura a seu ambiente familiar. Começou a formar sua biblioteca pessoal aos 13 anos de idade.

Contumaz frequentador dos sebos e livrarias declara:

Comecei comprando edições correntes, modernas dos livros que desejava ler, como aconteceu por exemplo, com as obras de Joaquim Maria Machado de Assis, nas edições Garnier, uma firma francesa com filial no Rio de Janeiro que editava livros de autores brasileiros eram edições comuns, com muitos erros, pois a revisão era feita por franceses, mas elas satisfiziam meu interesse como leitor [...], pois minha paixão predominante sempre foi a leitura (MINDLIN, 2009, p. 45-46).

Desde a adolescência Mindlin tinha sempre um livro consigo, aproveitando todos os momentos vagos para a leitura. Aprendeu que se pode ler em qualquer lugar, como em aulas menos interessantes, em congestionamento de trânsito...

O acervo da biblioteca de Mindlin, ao final de sua existência soma 38 mil volumes, foi doado à USP que para abrigá-la construiu um novo prédio. Imortal como são chamados os membros da Academia Brasileira de Letras, o inveterado colecionador e não menos leitor alimentou como objetivo precípua “infectar as pessoas com o vírus da bibliofilia”. Não acreditava que existem pessoas que não gostam de ler. Certamente essas pessoas não foram devidamente estimuladas.

A constante preocupação do homem em inserir-se no mundo e ganhar individualidade exige-lhe o alargamento e a descoberta de novos horizontes cultural, afetivo e emocional. Essa conquista consolida-se na medida em que vivencia o plexo de significados que a leitura lhe oferece: evasão, conhecimento, salvação. A evasão induz o deslocamento do social vivido ao social representado, do mundo imaginário do leitor ao mundo do texto.

Bourdieu (1979) defende que a leitura de divertimento estimula a vontade, oferece o que agrada ao leitor, cativando-lhe o espírito pela ilusão das intrigas, suspenses e surpresas. A participação real, a invasão no texto, na vida das personagens, proporciona o esquecimento temporário dos problemas, das misérias da vida. A leitura de evasão tem gênero e idades de predileção. No

conto “Missa do Galo” (Machado de Assis), o jovem Nogueira, enquanto aguardava a hora da missa do galo, na Corte, lia, à luz de um candeeiro, “Os Três Mosqueteiros”, e completamente ébrio vivia as aventuras de D’Artagnan.

Há livros que apenas nos informam e não duram mais que um dia. Há, contudo, os que se nos impõem como inesquecíveis e até se ocultam nas dobras da memória. Calvino (1991) considera-os clássicos porque incitam sucessivas descobertas ou porque nunca terminam de dizer aquilo que têm para dizer. Nesse rol avultam as obras canônicas de Borges, Neruda, Pessoa, e não menos as do Bruxo do Cosme Velho: “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e “Dom Casmurro”.

No primeiro, um defunto narra a essência do homem em sua precariedade existencial. No segundo, o olhar de ressaca de Capitu que há dois séculos suscita dúvidas a cada nova leitura. O incomparável arremate que Bentinho deu à história: “Não tive filhos, não deixei para nenhuma outra criatura o legado de nossa miséria”, representa a mais contraditória afirmação. Deixou, sim, a seus leitores, bem como à humanidade toda, a certeza da miséria humana, do inexorável flagelo a que o homem é submetido. Embora, pareça redundante, ousamos transcrever o que diz Carlos Heitor Cony: “Machado atingiu não apenas o universo, mas o eterno”.

A leitura que provoca o prazer estético no receptor permite-lhe captar e interpretar os fenômenos da vida, por diferentes meios. Esses meios são para o escritor as palavras; para o músico o som, para o pintor, as cores. Da delicada tela “A mulher que lê”, do pintor holandês Vermeer (1632 – 1675), Rubem Alves retira a matéria-prima sobre a qual a sua criatividade passa a agir. Em palavras a antena de sua sensibilidade traduz gestos, cores, emoções de mãos, olhos e alma da mulher que lê uma carta.

O escritor Alberto Manguel, falando dos livros como organismos vivos, apresenta-nos textos escritos há séculos, que ajudam a iluminar o cotidiano deste mundo conturbado. Sua obra “Os livros e os dias” guarda doze clássicos desencadeando uma rede de pensamentos a respeito da influência da leitura como erudição e imaginação incansáveis. Manguel faz com que cada história remeta a outras e cada autor dialogue com seus pares. Em resumo, deixa

muito claro que todo escritor tem algo a nos dizer, que nenhum livro é órfão ou não deixa herdeiros. Cada livro é um oceano e muitos são os sábios que pescam em suas águas.

Manguel declara que queria viver entre os livros, por isso começou a trabalhar numa livraria da qual Borges era cliente. “Tinha 16 anos, quando ele já quase cego, me convidou para ser seu leitor. Minha história de leitura está intimamente ligada àquela experiência extraordinária. Entendi que ler para um cego era uma experiência curiosa, pois apesar do esforço envidado no controle do tom e do ritmo era Borges, o ouvinte quem se tornava o senhor do texto”.

Manguel alugou seus olhos, era o leitor, dizia-se o motorista. Borges escolhia o livro, fazia-o parar para comentar. Ler para um cego foi uma experiência curiosa, revela Manguel, sobretudo porque Borges, o ouvinte, era quem se tornava o senhor do texto. Ler em voz alta para Borges não caracterizava dever, mas um prazer por seus comentários plenos de uma erudição imensurável.

Em seu livro “Uma história da leitura”, Manguel apresenta diversas fotos, telas de pintores famosos ou personalidades em posturas as mais diversas, lendo ou com um livro nas mãos ou ante os olhos. O gesto, o prazer, a responsabilidade e o poder que derivam da leitura têm muito em comum com todos que gostam de ler, que se declaram leitores. O livro pode ser bom ou mau, ao leitor cabe o julgamento. Imagens e histórias concebidas por uma cabeça ganham vida na imaginação de outra. Não há livro tão mau que não tenha algo de bom, ponderava Cervantes.

O velho aforismo: “Ninguém ama o que não conhece” ajusta-se ao comportamento de muito jovem que, apesar da escola, não foi contaminado pelo prazer da leitura, não se sente atraído sequer pelo título de um livro até que se depara com “De pernas pro ar”. Então movido pela curiosidade erótica passa a folheá-lo. Mas na medida em que o faz percebe a antítese do esperado. O livro encerra um conjunto de mensagens aos pais alertando-os sobre a virtude, a honra e a lei, sobre a escola do mundo ao avesso, sobre as aulas magistrais de impunidade.

Aos jovens leitores, Eduardo Galeano declara: “educados na realidade virtual, deseducam-se na realidade real [...]” (1999, p. 13). Se a escola tem como meta formar leitores, cabe ao professor dedicar ao menos dez minutos da aula a uma boa leitura, ler um trecho que seja para abrir uma picada, para entrar em histórias longas como “Chatô o Rei do Brasil”, de Fernando Moraes. Certamente a biografia de figura tão eminente chama a atenção quando vêm à tona passagens pitorescas de um menino gago, feio e magro a despeito de pertencer a uma família abonada. Não haverá garoto que não se interesse em saber um pouco do livro, depois de ouvir:

Um dia o capitão Urbano chamou-o a um canto e, com ar severo de quem ia anunciar algo muito importante, sentenciou: - Gagueira é vergonha. Quanto mais vergonha de falar você tiver, mais gago você vai ficando. O único jeito de curar isso é falar sozinho. Falar até cansar, até secar a saliva, mas sozinho. De hoje em diante você vai passar algumas horas do dia sentado na Pedra Preta, na beira do rio, falando consigo mesmo. Se isso não o curar, pode desistir que é porque Deus quis que você ficasse desse jeito para o resto da vida (1994, p. 36-38).

Não surpreende se esta passagem aguçe nossos alunos à busca do livro, pois o insólito sempre é mais convidativo. Imaginar que se conquista o desenvolvimento sem preparar nossos jovens em todas as áreas do conhecimento, sem o alicerce sólido da leitura, é a maior omissão histórica. Não bastam tecnologia de ponta, programas de qualidade e produtividade, nem manipular com habilidade os mais sofisticados canais da era da informação. A ausência da formação intelectual ou o estado jejuno de leitura que o acadêmico apresenta ao chegar ao ensino superior merece uma atenção redobrada da escola, ou seja, de todos nós.

Para participar da globalização com vantagens competitivas o Brasil precisa de valores humanos, cujo talento, cultura, criatividade e preparo são requisitos fundamentais. A crise mundial clama por um denominador comum: competência. E competência reporta leitura, no sentido amplo, a bem de se fundamentar uma sociedade capaz de conduzir o país a um porto seguro. A sensação de desconforto, de vazio de perspectivas contribui para acentuar os sintomas de uma geração cada vez mais carente de paradigmas. Para Renato Nalini, presidente da Academia de Letras de São Paulo, a salvação ou o

atenuante para tais casos é uma opção acessível a todos: ler. Ler é a operação mais satisfatória em termos de custo-benefício. Basta a vontade, prossegue, cujo controle remoto está na cabeça do leitor, e o universo se escancara.

E não foi outro caminho, senão o dos livros que permitiu a Barack Obama, presidente dos Estados Unidos o desvelamento de sua potencialidade. Seu fascínio pela magia das palavras e sua pertinácia à leitura dotaram-no de invulgar capacidade de comunicar suas ideias e acima de tudo definir seu senso de identidade e percepção do mundo. Em seu primeiro livro “A origem dos meus sonhos” declara que na leitura descobriu o caminho do poder e da fama. Lendo diversos escritores negros, ainda na adolescência, compreendeu sua identidade racial e mais tarde, mergulhando em pensadores do porte de Santo Agostinho e Nietzsche, selecionou as ideias que lhe complementam sua capacidade de pensar, sua visão de mundo.

A figura de Barack Obama vincula-se à do escritor brasileiro Monteiro Lobato cujo romance “O presidente Negro (ou O choque das Raças)” publicado em 1926, previa para 2228 uma eleição presidencial nos Estados Unidos em que concorreriam um negro e uma mulher branca. Publicado na forma de folhetim, o romance feito com ingredientes de gosto popular, antecipa tecnologias pelas lentes do ‘porviroscópio’.

A máxima lobatiana: “um país se faz com homens e livros” é verdade incontestável que continua sendo bradada aos quatro cantos do Brasil tão carente de homens dedicados aos livros. Conhecedor das dificuldades encontradas pelos escritores em editar e vender livros, criou editoras que imprimiam o que os brasileiros escreviam.

Mas foi como escritor de obras infantis que angariou fama em vida e chegou a marcar profundamente o destino de milhões de brasileiros. Gilberto Freire consignou-o como o centro de uma revolução intelectual e cultural do Brasil. Dentre as suas inúmeras criações, as travessuras da Emília, seu *alter ego*, apelam diretamente ao cérebro. Na história “O Livro comestível” avultam duas carências gigantes do povo brasileiro: alimento e leitura. Da cabecinha de pano de Emília explode a insólita ideia:

Dizem que o livro é o pão do espírito. Por que não ser também pão do corpo? As vantagens seriam imensas. Poderiam ser vendidos nas padarias

e confeitarias ou entregues de manhã pelas carrocinhas, juntamente com o pão e o leite. [...] o Livro Pão, o Pão livro! Quem souber ler lê o livro, e depois o come, quem não souber ler, come-o só, sem ler. Desse modo o livro pode ter entrada em todas as casas seja dos sábios, seja dos analfabetos (LOBATO, 1982, p. 1199-1200).

A obra literária apresenta-se como uma tarefa a cumprir, e ao leitor cabe a responsabilidade de difundi-la, permitindo outros desvendamentos, outras recepções. Assim, a semeadura de cada livro lido é conquista de novos territórios, é atendimento a novas demandas. O tempo, porém, limita-nos a falar apenas de uns últimos ou mais recentes autores e seus lançamentos.

Cristóvão Tezza, professor universitário e escritor, em seu livro amplamente premiado: “O filho eterno”, passa-nos o conforto das leituras que o respaldaram nos momentos ácidos por que viveu em razão da doença do filho. Leitor desde sempre, como um pequeno rato vai avançando com a voracidade de um arqueólogo, nas prateleiras, nas bibliotecas das cidades do Brasil e da Europa. Lê Rousseau, Sartre, Platão, Nietzsche, Freud, enfim muitos autores cujas lições amenizam as agruras da titânica missão: cuidar do filho portador da Síndrome de *Down*.

José Saramago, prêmio Nobel de Literatura, em estilo de parábola, remete aos leitores um livro sobre a ética, o amor, a solidariedade: virtudes cada vez mais escassas entre os vivos. Marcado pelo realismo tem como pano de fundo os estertores do século 20, período de velocidade, ganância e abstinência moral em grau superlativo. Ler “Ensaio sobre a cegueira” é ir outra vez ao Inferno. Não com Dante, mas com Saramago, que alerta: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.

Mukhtar Mai, paquistanesa que se tornou personalidade internacional protagoniza o romance “Desonrada”. De forma pungente o romance relata a realidade feminina distante do olhar ocidental. Jornalistas e ativistas, de diversas partes do mundo, impressionados veicularam a coragem inédita de uma mulher analfabeta, num dos ambientes mais hostis aos direitos da mulher. Em março de 2007, o Conselho Europeu outorgou-lhe o *North South Prize* de 2006 por contribuição aos direitos humanos.

“O leitor” best-seller (1995) que acaba de gerar o filme homônimo apresenta uma qualidade excêntrica para os dias de hoje em que o ler em voz alta não vai além das orações proferidas nas igrejas. Um jovem, na destrocada Alemanha do final da 2ª Guerra Mundial vale-se do fato de ler em voz alta para alcançar seus intentos. Aqui o ouvinte não é um intelectual do porte de Borges, mas uma mulher, bem mais velha que o garoto leitor, sua amante que acompanha as narrativas com evidente prazer. Ao contrário do que ocorria no encontro Manguel e Borges em que este escolhia o que seria lido; em “O leitor” a escolha fica a critério do emissor, que atende ao pedido da amante:

- Leia pra mim!
- Leia você mesma, eu trago os livros.
- Você tem uma voz tão bonita, menino, gosto mais de ouvir você do que ler sozinha (p. 50)
- [...] Eu li *Guerra e paz* em voz alta, e todas aquelas digressões de Tolstói sobre história, grandes homens, Rússia, amor e honra [...] (p. 78).

O exercício da leitura resulta em incontáveis benefícios para a educação e para a sociedade, na qual o homem para competir com vantagens precisa tanto da informação científica como da humanística. Marina Colasanti não esconde o prazer que experimenta após ler um conto de terror ou até um ensaio bem formal. Todos os gêneros fornecem-lhe prazer seja pragmático, catártico ou intelectual pelo conhecimento adquirido.

E o leitor embarcado em seu “Fragatas para Terras Distantes” qual Ulisses, arma o mastro, expande as velas, transcende os seus limites, faz-se herói. Seu livro, mesmo quando fala na guerra, cativa o leitor, transmite-lhe conhecimento:

Eu fui uma criança da guerra. A guerra me levou a nascer na África, na então Abissínia, aonde meu pai havia ido, voluntário, para as guerras italianas de colonização, guerras que a Itália chamava, mais grandiosamente, de “conquista”. Naquele mesmo ano, o Japão declarou Guerra à China, e em plena guerra civil espanhola a aviação alemã destruiu Guernica. Sempre houve fartura de guerras. Três anos depois do meu nascimento, a Itália declarou guerra à França, ingressando no segundo grande conflito mundial [...]. (2004, p. 171).

Também, em cenário de guerra, transcorre a história “A menina que roubava livros” de Markus Zusak:

Era o livro que ela queria [...] Roubá-lo, em certo sentido doentio, era como merecê-lo. [...] – Depressa! – alertou Rudy. Com muita calma e precisão, no entanto, Liesel foi até a escrivaninha, pegou o livro e se encaminhou com cautela para a saída [...]. – Boa noite, roubadora de livros. Era a primeira

vez que Liesel se via marcada por seu título, e não pode esconder que isso lhe agradou muito. [...]. Ela já tinha furtado livros, mas, no fim de outubro de 1941, a coisa se tornou oficial. Nessa noite, Liesel Meminger transformou-se verdadeiramente na menina que roubava livros (2007, p. 254-58).

Deve causar espanto incalculável em nossos alunos o fato de alguém roubar livros. Talvez se acordem para a realidade em que vivem: tanto livro suplicando para ser tirado das prateleiras. Certamente se tivessem a forma de um instrumento bélico seriam mais usados.

Um livro leva a outro livro e os escritores procriam-se, suas vozes enlaçam-se e, parafraseando João Cabral de Melo Neto, tecem manhãs, dias e noites. Tecem novas histórias. A literatura tem como função dar notícias sejam topográficas, culturais ou simplesmente narrativas.

A literatura possibilita viver em terras distantes da pátria como relata Salim Miguel em seu romance “Nur na Escuridão”. Conhecido jornalista e escritor colecionador de prêmios, doutor *honoris causa* pela Universidade Federal de Santa Catarina. Nascido no Líbano, alfabetizado em alemão na pequena Biguaçu/SC, onde viveu sua infância profunda, Salim Miguel com a fragrância das “Mil e uma noites” e movido pela inspiração de Sherazade narra a saga de uma família a partir de um monossílabo luminoso, numa língua estrangeira:

O pai não entende o que o motorista quer dizer, em vão o homem repete mais alto, mais alto, luz. Luz. E faz uma careta, coça a cabeça, abre um sorriso que lhe revela os dentes perfeitos, puxa do bolso uma caixa de fósforo (a mãe murmura, *tagur*), tira um palito, acende, repete, indicando a trêmula chama que logo se extingue, luz, rápido, acende outro palito, com ênfase repete o mesmo, letra por letra, l, u, z antes de mais um LUZ – e só aí o pai entende a palavra que jamais esqueceria e lhe abre as portas do novo mundo. Abana a cabeça. O motorista volta a sorrir: luz. O pai também: luz. Nur (MIGUEL, 2000, p. 25).

E na Literatura Catarinense aconteceu o que a bíblia já dizia: Fiat Lux!

Garantir o acesso dos brasileiros aos diversos setores, dinâmicas e dimensões da abrangência da leitura exige uma ação múltipla. O ministro da Cultura, Ferreira (2008, p. 8-9), declara: “O brasileiro ainda lê muito pouco, compra poucos livros e dispõe de poucas bibliotecas. É preciso tirar do brasileiro a ideia de biblioteca como depósito de livros. Biblioteca tem de ser um equipamento de incentivo à leitura, um centro cultural focado no livro e no

incentivo à leitura”. A leitura é fundamental para a plena realização da nossa condição humana, da nossa sensibilidade, inteligência e capacidade de entender o mundo. A contemporaneidade é cada vez mais complexa e cada vez mais precisamos aprender a dizer a nossa própria palavra AUTONOMIA. A palavra autonomia perpassa todas as ações na promoção da leitura.

A leitura, reafirma Ferreira (2008, p. 10):

[...] não só qualifica a relação com as outras áreas da cultura, tais como a audiovisual, as novas mídias, o patrimônio, e a memória, as artes plásticas, a música, como também qualifica a relação do indivíduo com a saúde, com o mundo do trabalho, com o trânsito e a cidade, com o ambiente natural e social. Ela é base imprescindível para uma cultura do diálogo e certamente condição para a superação de violências físicas e simbólicas.

Pela sua riqueza e versatilidade o ato de ler é plurifuncional: divertimento ou evasão, cognitivo, de salvação ou estético. Ao professor compete semear ininterruptamente, mesmo sabendo que ao lançar as sementes algumas cairão ao longo do caminho e serão comidas pelas aves, outras cairão em terreno pedregoso, outras, entre espinheiros que as sufocarão. Algumas, porém, cairão em boa terra e darão fruto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. O retorno e terno. Crônicas. São Paulo: Papyrus, 1992.

BORDIEU. In: MAUGER, Gerard et. al. Histoires de lecteurs. Paris: Nathan, s.d.

CALVINO, Ítalo. Porque ler os clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

COLASANTI, Marina. Fragatas para terras distantes. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CONY, Carlos Heitor. Relendo Machado. Folha de São Paulo, 3 nov. 2006.

FERREIRA, Juca. Entrevista. Panorama Editorial. CBL, n. 42, ano 4, ago. 2008.

FREIRE, Gilberto. A literatura moderna no Brasil considerada em alguns aspectos sociais: novo mundo nos trópicos. São Paulo: Nacional/USP, 1971.

GALEANO, Eduardo. De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso. Porto Alegre: L & PM, 1999.

LOBATO, Monteiro. Obra infantil completa. Edição Centenário 1882/1982. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. O presidente negro. Rio de Janeiro: Globo, 2008.

MAI, Mukhtar. Desonrada. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARIA, Luzia de. O clube do livro: sr. leitor – que diferença faz? São Paulo: Globo, 2009.

MIGUEL, Salim. Nur na escuridão. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

MINDLIN, José. No mundo dos livros. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

MORAES, Fernando. Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand. Companhia das Letras, 1994.

NALINI, José Renato. Opinião. Panorama Editorial. CBL, n. 40, ano 4, abr. 2008.

PATERSON. Khaterine. O mundo é dos que leem. Notícias 1. Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Vol. 16, n. 1, jan. 1994.

RAMOS, Sérgio da Costa. O amigo livro. Diário Catarinense, p. 67, 27 set. 1997.

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: Schuarz Ltda., 2008.

SARTRE, Jean-Paul. O que é literatura. São Paulo: Ática, 1993.

TEZZA, Cristóvão. O filho eterno. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ZILBERMAN, Regina. Fim do livro, fim dos leitores? São Paulo: SENAC, 2001.

ZUSAK, Markus. A menina que roubava livros. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.